

O amanuense Belmiro: um narrador sem atributos?

Ananda Nehmy de Almeida (UFMG)

Temas urbanos como a multidão e a comunidade são retomados nos diálogos e no discurso enciclopédico de *Der mann ohne eigenschaften*, de Robert Musil. O protagonista Ulrich, que universaliza constantemente seus comentários, é definido pelo amigo Walter como “o homem sem particularidades”. Blanchot se opõe à tradução francesa de “ohne eigenschaften” para “sans caracteres”. O título “L’homme sans particularités” define, segundo Blanchot, a particularidade essencial de Ulrich que é não ser particular, não se deixando cristalizar num caráter ou personalidade estável.

Retomando esse personagem, o escritor e crítico argentino, Juan José Saer, desconfia da definição “Literatura Latino Americana” concebida a partir de uma leitura do real. A expressão alemã “ohne eigenschaften”, na tradução e uso de Saer, particulariza a literatura latina como “Una literatura sin atributos”: “Minha primeira preocupação de escritor é, em consequência, essa crítica do que se apresenta como real e a qual todo o resto deve estar subordinado” (SAER, 1997, p. 268). A literatura não está condicionada à exigência estética de caracterizar a narração como um documento etnográfico e sociológico ou, ainda, à exigência de fazer com que o narrador represente a totalidade nacional. Para Saer, a expressão literatura latino-americana, que responde à necessidade de se definir o produto literário para o leitor europeu, é definida a partir da seleção européia de temas e formas que deixam de lado o que é especificamente latino-americano.

Saer afirma que a literatura latino-americana se expõe a três perigos ao incorporar a definição européia: o perigo paradoxal de se apresentar como latino-americana; o vitalismo, que é a ideologia de colonizados baseada na hipótese de que

o subdesenvolvimento econômico relaciona-se à natureza; e o perigo do voluntarismo, que percebe a literatura como “um instrumento imediato da mudança social”. Para o crítico, os narradores modernos rompem com a noção de historicidade, tornando possível questionar uma suposta idéia de representação do real na literatura.

Para Saer, a história é uma comunidade pulsional, o que faz determinada escritura permanecer não é sua historicidade, mas suas imagens pulsionais. A recepção crítica do romance *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, incorpora alguns dos problemas apontados por Saer. O autor mineiro fez parte do grupo de intelectuais modernos que ocuparam altos cargos públicos na Ditadura do Estado Novo. Partindo-se de um sujeito histórico determinado, que é o funcionário público-escritor, Antonio Candido, Roberto Schwarz e Silviano Santiago apresentam três imagens de real em seus estudos críticos, que associam ao narrador a figura do intelectual moderno.

O intelectual mineiro da década de 30, que participou como funcionário público da ditadura estadonovista, constitui-se um personagem constantemente retomado na literatura brasileira. É possível observar que parte da produção literária desse período apresenta elementos dessa narrativa histórica. O pacto entre o escritor moderno e o governo Vargas, explorado na escrita de Cyro dos Anjos, interfere nas interpretações da recepção ao observamos o arcabouço ideológico de cada crítico.

Antonio Candido e Roberto Schwarz abordam o estudo da narrativa sob o enfoque da crítica marxista. Em “Estratégia”, Antonio Candido diferencia Machado de Assis, que apresenta uma prosa dramática no sentido próprio da vida, da prosa de Cyro dos Anjos. O amanuense, além de ter uma visão dramática, estabelece o sentido poético das coisas e dos homens através do lirismo e análise. Nessa perspectiva crítica, parte-se do princípio de que a dialética entre texto e contexto delinea a figura do intelectual moderno na narrativa. A oscilação do narrador entre o lirismo e a análise limita a ação do intelectual na sociedade, que não consegue concretizar suas idéias no

plano real. Antonio Candido define o elemento dramático da narrativa como um reflexo da solução intelectual de Belmiro a sua desadaptação ao mundo: “refugia-se no passado, uma vez que o presente lhe escapa das mãos. [...] O drama é que o presente se insinua no passado” ([s. d.], p. 85).

Por outro lado, Roberto Schwarz faz uma leitura negativa dessa oscilação. A alternância do narrador nesse par não permite que ele se desdobre numa ação dramática, constituindo a “Estética da acomodação”. Contudo, o crítico procura amenizar seu discurso afirmando que as oscilações não constituem defeito já que o texto é escrito na forma de diário. A leitura de Schwarz de *O amanuense Belmiro*, retoma a oposição proposta por Georg Lukács entre escritores engajados, cujo representante é Thomas Mann, e escritores de Vanguarda, que tem Robert Musil como exemplo. O escritor engajado apresenta na sua narrativa o desdobramento da ação com o objetivo de desalienar o público. Por outro lado, o escritor de vanguarda é prisioneiro do subjetivismo imediato e de uma vertente estetizante.

Antonio Candido faz uso da categoria do tempo ao caracterizar a ação dramática do intelectual a partir do paradigma temporal moderno. Contudo, para Roberto Schwarz não há drama, mas temos o sujeito histórico determinado que compactua com a ditadura do Estado Novo. Essas leituras críticas resgatam o contexto histórico da narrativa que apresenta também elementos biográficos de Cyro dos Anjos. O escritor mineiro freqüentava as rodas de intelectuais e foi, assim como Carlos Drummond, funcionário público. Contudo, os fatos ordinários que fazem parte da rotina burocrática do amanuense não são os únicos a fazer “a curva no tempo”. Temos também outros fatos que mesclam as narrativas histórica e tradicional e interferem na composição das notas de Belmiro:

Que tenho eu com os dias que a folhinha assinala? Há dois meses comecei a registrar, no papel, alguns fragmentos de minha vida, e noto agora que apenas o faço em datas especiais. Encontro uma explicação plausível: minha vida tem sido

insignificante, e o seu currículo ordinário nem faz, realmente, por onde eu a perceba.¹

A folhinha se associa a idéia de tempo cronológico e progressivo, mas Belmiro prefere fazer as anotações de datas que ultrapassem a continuidade da rotina em seu currículo ordinário, trazendo o extraordinário para a escrita como elemento que desestabiliza o cotidiano. Belmiro usa o adjetivo “extraordinário” para qualificar algumas datas como o Natal, a festa de São João e o carnaval. A alternância entre acontecimentos ordinários e extraordinários permite questionar o estudo de Roberto Schwarz. O crítico apresenta uma leitura normativa na medida em que procura estabelecer critérios que definem o que é a ação dramática no romance memorialista.

O estudo recente de Silviano Santiago não só afirma a presença do drama nessa narrativa, como o desdobra em três figuras dramáticas: Belmiro, Carolino e o leitor. As epígrafes do caderno de notas de Belmiro são trechos de *Remarques sur les mémoires imaginaires*, de Georges Duhamel, que questionam a veracidade da escrita memorialista. O efeito Duhamel, causado pelas epígrafes, que faz o leitor questionar o estatuto de real da literatura autobiográfica, é seguido de outro: o efeito Nietzsche, que consiste em olhar o mundo como se fosse uma obra de arte. Carolino é o almoxarife da Sessão de Fomento. Fornece o papel da sessão, clandestinamente, para Belmiro escrever suas memórias durante o serviço. Por último, o leitor faz figuração no romance, ora quando é citado por Belmiro, ora quando as falas dirigidas ao Carolino apresentam uma leitura dupla — parecem que são voltadas para o leitor. Para Silviano Santiago, o nascimento do amor à escrita encena o drama humano do amanuense, que tece explicações ao leitor para a sua vontade de escrever: “Sou um amanuense complicado e a vida fecundou-me a seu modo, fazendo-me conceber qualquer coisa que reclama autonomia no espaço” (ANJOS, 1937, p. 14).

Silviano Santiago explica a passividade do amanuense como uma imposição da realidade que é estruturada simbolicamente na escrita do caderno de

notas. Nessa leitura, em contraste com o personagem Silviano, Belmiro é aquele que tem consciência de que é forçado a aceitar o real. O crítico utiliza a metáfora do estupro para justificar o início da escrita de Belmiro. Santiago se apóia no trecho de Roland Dogelès, “é o estupro [vio] que salvará o amor”, aproximando a idéia de estupro do indivíduo pela realidade com “o momento em que o humano descobre o Amor pela escrita” (SANTIAGO, 2006, p. 15). Os fatos, que fazem parte do plano real, passam, através da metáfora do estupro, para o plano da realidade estruturada simbolicamente. Constitui-se, assim, o duplo imaginário da realidade. Trata-se do modo violento como a exterioridade traumatiza o narrador, “ao deslocar o eixo da vida do plano real para o plano da realidade simbolicamente estruturada” (2006, p. 16-17).

Contudo, no trecho de *O amanuense Belmiro* citado pelo crítico, o modo como a vida fecunda Belmiro não é explicitado. O estranhamento do adjetivo “grávido” implica mais no fato de se estar fazendo analogia entre a gravidez, que é uma função biológica do corpo feminino, e a origem da escrita. A expressão “a seu modo”, portanto, pode estar também relacionada à analogia entre a escrita e a gestação. Assim, a leitura de Silviano Santiago ameniza a crítica de Roberto Schwarz na medida em que o intelectual, representado na figura de Belmiro, é coagido a aceitar o real. A escrita é a (re)ação desse intelectual à realidade.

O romance se inicia com a conversa de boteco no Bar do Parque. Distribuídos em torno da mesa de ferro, os amigos de Belmiro conversam sem grandes pretensões. Cada personagem está caracterizado pela origem ideológica do seu discurso. Redelvim é um ex-funcionário público que atua como jornalista. Mas Belmiro e os amigos o consideram um comunista romântico. Glicério trabalha com Belmiro na Seção de Fomento. Florêncio é “o homem sem abismos”. É o amigo despreocupado, que encerra as discórdias do grupo pedindo mais chope. Por último, o personagem Silviano, que tem aspirações filosóficas.

A discussão gira em torno da fala de Silviano: “A solução é a conduta católica”. Os amigos rebatem, entre eles, Belmiro, para o qual essa conduta seria a “supressão da vida”. Silviano, contudo, procura convencer a roda afirmando que se não se possui a vida com plenitude, é melhor renunciar, encontrando tranquilidade na conduta católica. É um diálogo contraditório. De um lado, Belmiro, que é solitário, posiciona-se dentro de um discurso cético e nietzscheano. De outro, o personagem Silviano se posiciona no discurso teológico, apesar de viver as voltas com as moças em flor. Para Silviano Santiago, o personagem Silviano é verdadeiramente nietzscheano. Temos aí a contradição gerada pela diferença entre a fala dos interlocutores, que não deixa de ser ficcional, e aquilo que é a ação dos interlocutores na sua realidade. A discussão realmente não gera nada, não altera a paisagem histórica do bar do alemão. Esse parece ser um efeito que incomoda o intelectual que lê esse livro: entre a paisagem e a discussão, nada mudou.

A metáfora do estupro é baseada na tradução da palavra francesa *viol*, que permite estabelecer relações com Roland Dogelès. Na verdade, o bacharel Glicério, que tem aspirações burguesas, retoma o discurso de Belmiro, fazendo alterações: “O católico destrói a vida pelo modo mais violento. Introduz em nosso cotidiano a preocupação com a vida eterna, sacrificando, a esta, aquela”.

Além do tema do intelectual moderno, Belmiro participa da *performance* do rito carnavalesco, compondo, assim, mais um elemento dramático da narrativa. O carnaval pode ser concebido numa perspectiva antropológica ou como uma categoria estética. Seguindo a primeira perspectiva, Roberto da Matta define o rito como um momento extraordinário que “permite colocar em foco um aspecto da realidade e, por meio disso, mudar seu significado quotidiano ou mesmo dar-lhe um novo significado” (1981, p. 30). Entende-se rito como um elemento privilegiado que faz tomar consciência do mundo através da dramatização de algo social. Por outro lado, Mikhail Bakhtin concebe o carnaval como uma forma “sincrética de espetáculo ritual” que cria

uma “linguagem de formas concreto-sensoriais simbólicas, entre grandes e complexas ações de massas e gestos carnavalescos” (1981, p. 105). Trata-se de uma linguagem que, articulada com outras linguagens, exprime uma visão carnavalesca. Nessa perspectiva, a carnavalização é o elemento que transpõe o carnaval para a linguagem da literatura.

No carnaval de 1935, Belmiro realiza a passagem do espaço aberto da rua para o espaço fechado do clube. No salão, uma desconhecida enlaça o braço de Belmiro cantando e o tira da desordem carnavalesca. É Camélia, moça da alta roda belo-horizontina, que o faz recordar do mito de infância “A Donzela Arabela”: “nas noites longas da fazenda, contava-se a história da casta Arabela, que morreu de amor e que na torre do castelo entoava tristes melodias” (ANJOS, 1937, p. 34). A ação de coroação e destronamento é constante na cena carnavalesca: Belmiro se aproxima de uma Boneca Holandesa por causa de um jato de éter e é conduzido a ordem pelo braço de Carmélia, mas é preterido e abandonado por ambas.

Ao ouvir as confissões de Belmiro sobre o episódio, o personagem Silviano relaciona o mito da Donzela Arabela com o problema fáustico em seu próprio diário. Na biblioteca de Silviano, o amanuense se aproveita da sua ausência e lê o diário do amigo. No retorno à sua casa, Silviano inicia a conversa com o indiscreto Belmiro, afirmando que Arabela é um símbolo fáustico. O amanuense completa a frase fazendo uso de falsas reticências: “... problema fáustico... o amor... vida... estrangulado pelo conhecimento... É isso?” Silviano se surpreende com a adivinhação do amanuense e cita Salvador Albert como fonte dessa leitura do *Fausto*, de Goethe. A teoria de Bakhtin e a produção literária de Goethe indicam que o carnaval, concebido como fenômeno de carnavalização, é uma categoria estética presente também na literatura européia.

Antonio Candido apresenta a imagem de real que associa o conflito universalista do tempo ao paradoxo do intelectual, que não concretiza suas idéias.

Roberto Schwarz associa o narrador ao intelectual moderno, submisso e acomodado. Silviano Santiago traz a imagem da escrita como drama — a escrita é (re)ação do intelectual à realidade que traumatiza o sujeito. A imagem do intelectual moderno parece surgir na perspectiva historicista na medida em que essas leituras críticas apresentam como temas recorrentes a família, as relações de poder na burocracia e a escrita autobiográfica. Contudo, nas memórias de Belmiro, o rito carnavalesco, presente nos planos rural e urbano, contribui no sentido de fragmentar a linearidade temporal da narrativa historicista.

Enquanto as tradições populares apresentam um tempo cósmico, universal, o tempo historicista apresenta uma versão da história em progresso. A vida e a morte, encenadas na ação carnavalesca da coroação e destronamento, aparecem na configuração do drama no teatro, no ritual carnavalesco, nas festas da nobreza antiga. Pertencem, portanto, a uma tradição cultural que confere sua marca na literatura, configurando a comunidade pulsional a partir das ações carnavalescas, que retomam esses extremos.

Fechado no escritório, ou “burocracia ficcional”, Belmiro é suprido e suprimido pelo papel da Seção de Fomento, onde escreve suas memórias. Mas é o rito, invasor do cotidiano urbano, que faz Belmiro realizar a passagem do ordinário cotidiano burocrático para o extraordinário universo das pulsões. Na recepção do romance, a imagem do intelectual moderno, que é retomada nesse movimento de leituras críticas, parece surgir na perspectiva historicista. A recepção lê o intelectual na figura do narrador, ou atribui-lhe características, conforme as posições ideológicas do crítico. Belmiro, que já foi julgado como esteta da acomodação, por ser um personagem sem particularidades (atributos), é lacunar. Permite, assim, que lhe façam atribuições para que, nessas lacunas, dramatizem e particularizem, nem tanto Belmiro, mas talvez a própria crítica e sua ação nos meios cultural e político.

Referências

ANJOS, Ciro. *O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Os Amigos do Livro, 1937. Edição fac-similada.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981. p. 105.

BLANCHOT, Maurice. Musil. In: _____. *O livro por vir*. [S. l.]: À Volta da Literatura, [s. d.]. p. 148.

CANDIDO, Antonio. Estratégia. In: _____. *Brigada ligeira*. São Paulo: Martins, [s. d.]. p. 83-90.

MATTA, Roberto da. *Carnaval, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 30.

MUSIL, Robert. *O homem sem qualidades*. Tradução de Mário Braga. Lisboa: Livros do Brasil, [s. d.]. p. 365.

SAER, Juan José. Una literatura sin atributos. In: _____. *El concepto de ficción*. Buenos Aires: Espasa Calpe, 1997. p. 272-276.

SANTIAGO, Silviano. *A vida como literatura: O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 15-17.

SCHWARZ, Roberto. Sobre *O amanuense Belmiro*. *Revista Civilização Brasileira*, n. 8, p. 161-170, jul. 1966.

Nota

¹ ANJOS, 1937, p. 29-30.